

Marilande Carvalho de Andrade Silva
(Organizadora)

As Ciências da Vida
frente ao Contexto
Contemporâneo 3

Marilande Carvalho de Andrade Silva
(Organizadora)

As Ciências da Vida
frente ao Contexto
Contemporâneo 3

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências da vida frente ao contexto contemporâneo 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Marilande Carvalho de Andrade Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073201301

1. Ciência. 2. Ciências da vida – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Marilande Carvalho de Andrade. II. Série.

CDD 570.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Compreendemos que a Ciência não é uma forma isolada e deslocada de conhecimentos, é uma referência sob o qual se vê o mundo; descreve a realização da mobilidade dos pensamentos na formação da aprendizagem onde, cada área exprime para si, o modo como o homem se relaciona com seu ambiente.

A Ciência atua com grande influência em nossa vida cotidiana ao ponto de ser difícil idealizar como seria o mundo atual sem a sua colaboração ao longo do tempo. A Ciência tem sido a grande responsável pelas renovações tecnológicas.

A Ciência se evidencia por uma inquietação permanente não só em analisar as maravilhas que acontecem em nosso meio, como também em descrevê-las e propor teorias lógicas que possam explicar como acontecem.

Esta obra tem como objetivo principal de incentivar uma reflexão sobre “As Ciências da Vida frente ao Contexto Contemporâneo”. Em acréscimo, busca-se esclarecer a sucinta relação entre saúde e o contexto contemporâneo na organização do sistema de saúde, nos serviços ofertados e nos processos de trabalho dos profissionais.

Esta coleção de informações é composta por vinte e sete capítulos. Trata-se, portanto, de uma contribuição aos estudos da consolidação enquanto Ciência da Vida, cujo caminho metodológico é composto por textos e atividades científicas que instigam o leitor à problematização permanente sobre a realidade na qual está inserido.

Na atual edição de “As ciências da Vida frente ao Contexto Contemporâneo 3”, os leitores irão descobrir artigos sobre a saúde em suas diversas formas de abordagem. Convidamos então, os leitores para desfrutarem dessas publicações.

Marilande Carvalho de Andrade Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ABORDAGEM DO TEMA TRANSVERSAL “SAÚDE” NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REVISÃO INTEGRATIVA	
Gabriel Dlugolenski Lacerda Ronnisson Luis Carvalho Barbosa Rafael Lopes de Moraes Diogo Queiroz Allen Palacio Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.0732013011	
CAPÍTULO 2	9
ACOLHIMENTO HUMANIZADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA DE UM HOSPITAL TERCIÁRIO	
Bruno Pinheiro Machado Iaramina Marques Ramos Talita Lima e Silva Nayara Kelly Rolim Costa Aécio da Silva Celestino Júlio César das Chagas Pedro Aurio Maia Filho Luciana Feitosa Holanda Queiroz Carlos Eduardo Menezes Viana Willian Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0732013012	
CAPÍTULO 3	16
ATIVIDADE ANTIMICROBIANA DO ÓLEO ESSENCIAL DO QUIMIOTIPO I DAS FOLHAS DE LIPPIA ALBA (MILL.) N. E. BROWN	
Suelen Carneiro de Medeiros Gleilton Weyne Passos Sales Matheus Lima Rodrigues Hilania Valéria Dodou Nádia Accioly Pinto Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.0732013013	
CAPÍTULO 4	23
ATIVIDADE FÍSICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: A RELEVÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Thais Gomes Lino Raimundo Auricelio Vieira Antônio Klinger Leite de Freitas Raissa Forte Pires Cunha Demétrius Cavalcanti Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.0732013014	
CAPÍTULO 5	41
ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO EM SAÚDE MENTAL: FOCO NAS AÇÕES TÉCNICO-ASSISTENCIAIS	
Nadja Mara de Sousa Lopes Manoel Ribeiro de Sales Neto	

Gabriela de Almeida Ricarte Correia
Maria Aline Lima Saraiva Praseres
Nívia Tavares Pessoa
Stiven Alves de Assis
Camila Augusta de Oliveira Sá
Ana Paula Soares Gondim

DOI 10.22533/at.ed.0732013015

CAPÍTULO 6 50

AValiação DO PAPEL DO MONITOR NO DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ALUNOS DO MÓDULO DE AÇÕES INTEGRADAS EM SAÚDE II

Karla Loureto de Oliveira
Taila Furtado Ximenes
Tattieri Alenninne Cardoso Barros
Rayssa Pinheiro Lourenço
Anair Holanda Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.0732013016

CAPÍTULO 7 56

AValiação DO RISCO PARA DIABETES MELLITUS EM DISCENTES E TRABALHADORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO TECNOLÓGICA DO ESTADO DO CEARÁ

Isadora Marques Barbosa
Damiana Vieira Sampaio
Lidiane Marha de Sousa Oliveira
Sanrangers Sales Silva
Ana Karoline Barros Bezerra
Isabelle Marques Barbosa
Diane Sousa Sales

DOI 10.22533/at.ed.0732013017

CAPÍTULO 8 63

CASOS DE LEISHMANIOSE VISCERAL NO CEARÁ: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Jéssica Karen de Oliveira Maia
Priscila Nunes Costa Travassos
Antônio José Lima de Araújo Júnior
Arthur Guilherme Tavares de Castro
Cleoneide Paulo de Oliveira
Antonia Mayara Torres Costa
Monalisa Rodrigues da Cruz
Nathaly Bianka Moraes Froes
Italo Marques Magalhães Rodrigues Vidal

DOI 10.22533/at.ed.0732013018

CAPÍTULO 9 72

CONTEXTO HOSPITALAR: INTERVENÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇA HOSPITALIZADA

Gisele Brides Prieto Casacio
Clarisse Fidelis dos Santos Custódio
Raquel Albuquerque de Vasconcelos
Maria Luisa Gazabim Simões Ballarin

DOI 10.22533/at.ed.0732013019

CAPÍTULO 10 81

CUIDADOS PALIATIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EQUIPE DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM UM HOSPITAL TERCIÁRIO DE FORTALEZA

Iaramina Marques Ramos
Bruno Pinheiro Machado
Talita Lima e Silva
Nayara Kelly Rolim Costa
Aécio da Silva Celestino
Júlio César das Chagas
Ismênia de Carvalho Brasileiro
Luciana Feitosa Holanda Queiroz
Sâmia Jardelle Costa de Freitas Maniva
Willian Gomes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.07320130110

CAPÍTULO 11 88

CURVA DE APRENDIZADO E AVALIAÇÃO DO ENSINO DA VIDEOCIRURGIA NA GRADUAÇÃO MÉDICA

Carlos Magno Queiroz da Cunha
Giovanni Troiani Neto
Victor Andrade de Araújo
Antônio Aldo Melo-Filho
José Walter Feitosa Gomes
Francisco Julimar Correia de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.07320130111

CAPÍTULO 12 93

ESQUIZOFRENIA: ASPECTOS ETIOLÓGICOS, FATORES DE RISCO ASSOCIADOS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Patrício Francisco da Silva
Hudson Wallença Oliveira e Sousa
Larissa Carvalho de Sousa
Fabiane Ferraz Silveira Fogaça

DOI 10.22533/at.ed.07320130112

CAPÍTULO 13 106

LIDERANÇA COMUNITÁRIA: UMA HISTÓRIA DE VIDA

Rute Vieira de Sousa
Raiane Melo de Oliveira
Maria Juliane Araújo Azevedo
Thiago Silva Ferreira
Amanda de Moraes Lima
Brenda da Silva Bernardino
Isabel Cristina Ferreira Souza de Araújo Diogo
Mariana Timbaúba Benício Coelho
Renata Vieira de Sousa
Francisca Camila de Oliveira Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.07320130113

CAPÍTULO 14 113

MULTIPROFISSIONALISMO, INTERDISCIPLINARIDADE E SAÚDE: ASPECTOS RELEVANTES DESTACADOS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Rute Vieira de Sousa
Raiane Melo de Oliveira
Maria Juliane Araújo Azevedo
Thiago Silva Ferreira
Amanda de Moraes Lima
Brenda da Silva Bernardino
Isabel Cristina Ferreira Souza de Araújo Diogo
Mariana Timbaúba Benício Coelho
Renata Vieira de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.07320130114

CAPÍTULO 15 121

OCORRÊNCIA DE QUEDAS EM IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA

Maria Eliana Peixoto Bessa
Maria Roberta Freitas de Melo
Priscila Rodrigues de Oliveira
Aline Rodrigues Feitoza
Priscila Nunes Costa Travassos
Tatiana Menezes da Silva
Bárbara Cavalcante Menezes
Wescler Mouzinho Pinheiro de Lima
Patrícia Giselle Freitas Marques

DOI 10.22533/at.ed.07320130115

CAPÍTULO 16 131

OPINIÃO DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA E DIREITO DA UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA SOBRE O ABORTO NO BRASIL

Henrique Garbellotto Brites
Wilson Leonel

DOI 10.22533/at.ed.07320130116

CAPÍTULO 17 139

OS ASPECTOS ÉTICOS NO CUIDADO DO PACIENTE COMATOSO NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA

Waldemar Antônio das Neves Júnior
Clarissa Pereira de Oliveira
Pedro Hélio Pontes Dantas

DOI 10.22533/at.ed.07320130117

CAPÍTULO 18 155

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS A RESPEITO DE AULAS DE REVISÃO NO DIA ANTERIOR A PROVA PRÁTICA DE ANATOMIA HUMANA

Yuri Ribeiro Carneiro
Alisson Fernando Almeida e Silva
Kenit Di Dio Aragão Minor
Matheus Torres Muniz
Sidney Nogueira Carvão Aguiar Valle

DOI 10.22533/at.ed.07320130118

CAPÍTULO 19 160

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO SITUACIONAL DE UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE TERAPIA NUTRICIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thaís Rogério dos Santos
Simone Clésia Lopes Melo
Carolina Drummond Barboza
Antônio Emmanuel Paiva de Araújo
Geise Moreira Sales de Oliveira
Grazielle Mara da Mata Freire
Léa Maria Moura Barroso Diógenes
Fernanda Fernandes de Oliveira Silva
Jennifer Ferreira Figueiredo Cabral
Luciana Pacheco Soares Guedes
Luciana Veras de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.07320130119

CAPÍTULO 20 168

PRÁTICA EDUCATIVA NA ATENÇÃO SECUNDÁRIA: MITOS E VERDADES SOBRE AMAMENTAÇÃO

Ana Ligia da Silva Bandeira
José Iran Oliveira das Chagas Júnior
Paulo Ayslen Nascimento de Macêdo
Priscila Alencar Mendes Reis
Wanderson Alves Martins

DOI 10.22533/at.ed.07320130120

CAPÍTULO 21 173

PREVALÊNCIA E PERFIL DE USUÁRIOS DE ESTERÓIDES ANABOLIZANTES PRATICANTES DE ATIVIDADES FÍSICAS EM ACADEMIAS DO MUNICÍPIO DE PARAMBU-CEARÁ

José Ytalo Gomes da Silva
Luiza Michelly Gonçalves Lima
Arnaldo Solheiro Bezerra
Luiz Francisco Wemmenson Gonçalves Moura
Carla Laine Silva Lima
Marcelo Oliveira Holanda
Sandra Machado Lira
Chayane Gomes Marques
Joana Talita Galdino Costa
João Xavier da Silva Neto
Ana Paula Apolinário da Silva
Maria Izabel Florindo Guedes

DOI 10.22533/at.ed.07320130121

CAPÍTULO 22 181

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DA ENFERMAGEM

Jennifer Ferreira Figueiredo Cabral
Luís Rafael Leite Sampaio
Saionara Leal Ferreira
Geise Moreira Sales
Cybelly Teixeira Vidal
Laysa Minnelle Távora de Brito
Thais Rogério dos Santos

Aline Rodrigues Feitoza
Julyana Gomes Freitas
Islene Victor Barbosa
Zélia Maria de Sousa Araújo dos Santos
Raimunda Magalhães Silva

DOI 10.22533/at.ed.07320130122

CAPÍTULO 23 189

UM GRUPO FOCAL PARA A ANÁLISE PSICANALÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO POLITICAMENTE CORRETO

Juçara Rocha Soares Mapurunga
Tereza Glaucia Rocha Matos

DOI 10.22533/at.ed.07320130123

CAPÍTULO 24 198

USO DA REALIDADE VIRTUAL COMO TRATAMENTO DE PACIENTES COM PARKINSON: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Gessiliane Alves de Andrade
Jessika Ferreira Vieira
Tayane Rodrigues Lacerda,
Fernanda Domingos de Lima
Albério Ambrósio Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.07320130124

CAPÍTULO 25 207

UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS NÃO FARMACOLÓGICOS DE ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO E PARTO

Vanuzia Prudêncio Siqueira Silva
Rousane Rodrigues Arrais
Maria Charlianne De Lima Pereira Silva
Leide Laura Santos Leite
Luiza De Marilac Soares Gomes
Anthonia Viviany Barbosa Lopes
Maria Eliana De Lima Pereira
Nathanael de Souza Maciel
Francisco Jardsom de Moura Luzia
Raniely Barbosa dos Santos
Diego da Silva Ferreira
Valdenia de Melo Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.07320130125

CAPÍTULO 26 219

VÍDEOS DE REVISÃO DE ANATOMIA HUMANA ELABORADOS PELOS MONITORES: UMA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DE MEDICINA

Yuri Ribeiro Carneiro
Alisson Fernando Almeida E Silva
Kenit Di Dio Aragão Minori
Matheus Torres Muniz
Sidney Nogueira Carvão Aguiar Valle

DOI 10.22533/at.ed.07320130126

CAPÍTULO 27	224
VIOLENCIA OBSTÉTRICA SOB O OLHAR DAS MULHERES: ANÁLISE DE DISCURSO	
Milena Pereira Costa	
Ana Jaqueline S. Carneiro	
Zannety Conceição Silva do Nascimento Souza	
Maria Aparecida Prazeres Sanches	
Rita de Cássia Rocha Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.07320130127	
CAPÍTULO 28	240
VIVÊNCIAS COM ARTE: UMA PERSPECTIVA SARTREANA	
Isabel Maria de Araujo Botelho	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
DOI 10.22533/at.ed.07320130128	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

VIVÊNCIAS COM ARTE: UMA PERSPECTIVA SARTREANA

Data de aceite: 05/12/2019

Isabel Maria de Araujo Botelho

Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Universidade de Fortaleza.
Fortaleza - CE.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Universidade de Fortaleza.
Fortaleza - CE.

RESUMO: O presente texto propõe-se a discutir a perspectiva da fenomenologia existencial de Sartre acerca de subjetividade e engajamento nas vivências com arte, destacando alguns pontos referentes à dança cênica como expressão artística. Essas vivências podem ser descritas como todas as experiências de convivência com a arte, sejam do ponto de vista da produção artística ou apenas contemplativas, nas quais o Ser interage com a obra de arte e a interpreta segundo suas percepções e sua subjetividade. Nesse sentido, discuto, à luz de autores como Cocchiarale (2006), Danto (1978) e Louppe (2012), as interseções entre o fazer e o convívio com a arte, com a dança cênica, e as noções de situação, liberdade, subjetividade e engajamento apresentadas na fenomenologia de Jean-Paul Sartre. Ao afirmar que o Ser exerce sua liberdade no ato

de existir, sem poder abster-se de escolhas situadas por seu contexto histórico, social, cultural e econômico, Sartre (2015b) coloca a expressão artística como meio de composição social, pois se encontra como reflexo situado da visão e ação do artista no mundo. Com isso, considero que a produção artística na dança cênica surge pela emergência dessa liberdade substanciada pela subjetividade. A produção da arte por meio do corpo ocorre numa relação de transcendência entre o real e o imaginário, em que a dança é criada para refletir e para modificar o mundo, podendo ao mesmo tempo revelá-lo e questioná-lo, sendo engajada pela estética que a subjetividade e a vivência do mundo produzem.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre. Fenomenologia. Subjetividade. Arte. Dança.

EXPERIENCES WITH ART: A SARTREAN PERSPECTIVE

ABSTRACT: This paper proposes to discuss the perspective of Sartre's existential phenomenology about subjectivity and engagement in art experiences, highlighting some points regarding scenic dance as artistic expression. These experiences can be described as all experiences of coexistence with art, whether from the point of view of artistic production or only contemplative, in which the

Being interacts with the work of art and interprets it according to its perceptions and subjectivity. In this sense, I discuss, in the light of authors such as Cocchiarella (2006), Danto (1978) and Louppe (2012), the intersections between making and living with art, scenic dance, and the notions of situation, freedom, subjectivity and engagement presented in Jean-Paul Sartre's phenomenology. By stating that Being exercises its freedom in the act of existing, without being able to abstain from choices situated by its historical, social, cultural and economic context, Sartre (2015b) puts artistic expression as a means of social composition, since it is as a situated reflection of the artist's vision and action in the world. With this, I consider that artistic production in scenic dance arises from the emergence of this freedom substantiated by subjectivity. The production of art through the body takes place in a transcendent relationship between the real and the imaginary, in which dance is created to reflect and modify the world, while at the same time revealing and questioning it, engaged by the aesthetics that subjectivity and world experience produce.

KEYWORDS: Sartre. Phenomenology. Subjectivity. Art. Dance.

1 | INTRODUÇÃO

A fenomenologia existencial pensada por Sartre nos apresenta o Ser como projeto, um projeto livre, embora situado pelas circunstâncias sociais, culturais, econômicas, e por toda a intersubjetividade que o permeia. Esse Ser que escolhe entre as opções disponíveis e que cria, em certos momentos, novas opções ou formas de existência é para Sartre (2015a) ser-no-mundo, aquele que vive e escolhe constantemente, exercendo sua liberdade, e assim criando em ato contínuo seu projeto de ser.

Neste texto, direciono-me para as vivências do mundo por meio da arte, as quais se manifestam em variados formatos e ambientes, sejam coletivos, individuais, fechados ou abertos. Considero que a interação com a obra de arte se dá de forma muito pessoal, pode acontecer pelo contato e movimento, ou apenas pela observação e contemplação, porém nas duas formas há interação, havendo uma especificidade individual para cada apreciação ou fazer, tratando o fazer como construção da arte.

A execução desse fazer da arte resulta da criação, de uma construção técnica ou de uma elaboração inovadora, e pode acontecer de modo proposital ou involuntário, contudo todos os resultados expõem uma ideia ou um sentido para aqueles com quem interagem. O artista cria e recria no intuito de explorar essa experiência interativa ao máximo, a fim de expor o seu projeto ou imagem de forma que possa se reconhecer e ser reconhecido na obra.

Usualmente, consideramos as vivências com arte apenas em momentos específicos de apreciação, quando frequentamos um teatro ou museu. É incomum imaginarmos que as vivências artísticas podem fluir no dia a dia, em uma audição

musical, uma apreciação fotográfica, pictórica ou até mesmo arquitetônica. Aqui proponho ao leitor considerar que nos aproximamos da arte na convivência diária, por meio do fazer artístico, ou pela interação ou apreciação das linguagens artísticas que permeiam nossa rotina.

Dessa forma, a discussão que segue objetiva discutir a perspectiva de Sartre sobre subjetividade, criação e engajamento nas vivências com arte, tecendo algumas relações com a experiência da dança cênica.

Dialogar com Sartre a partir de sua filosofia existencial é também dialogar com um autor, escritor e artista que expõe suas ideias e inquietudes conectadas à sua experiência de mundo. Segundo Maciel (1980), seu projeto de ser fora elaborado originalmente na infância, desse modo, Sartre se apresenta em sua autobiografia, *As Palavras* (1964/1984), por meio de uma escrita que reafirma o caráter permanente de seu projeto de ser. A escrita seria seu interesse, sua arte, sua forma de expressão e de interação no mundo durante toda sua vida.

Autor de mais de 20 obras literárias, entre romances, peças teatrais e biografias, Sartre convida o leitor a conhecê-lo, a conhecer sua filosofia, a olhar para o seu existencialismo de forma peculiar como expõe Maciel (1980). Suas obras interagem com o leitor, havendo entre eles uma relação de reconhecimento.

Em *O Que é a Subjetividade?* Sartre (2015b) discute algumas questões sobre a relação entre a arte e a subjetividade a partir de sua análise de Flaubert e *Madame Bovary* (1857/2000), descrevendo uma obra de arte como a expressão da subjetividade de seu criador. É por esse prisma que construo uma aproximação entre a vivência de Sartre como filósofo e romancista e a experiência humana com as diversas linguagens artísticas, dando ênfase à experiência corporal por meio da dança cênica contemporânea.

A fim de aprofundar minha compreensão acerca da perspectiva de Jean-Paul Sartre sobre as vivências com arte, realizei um estudo bibliográfico e uma busca em periódicos das áreas de filosofia, educação, arte e psicologia, utilizando os descritores “arte” e “Sartre”. Surgiram assim alguns olhares sobre a arte sob a perspectiva sartreana, os quais são abordados no decorrer do texto, no intuito de que a discussão ocorra em ressonância com pesquisas atuais sobre o tema. Esses olhares apontam para a relevância de questões como subjetividade, estética e engajamento, tratadas originalmente nos livros *O Que é a Subjetividade?* (2015b), *O Imaginário* (1996) e *“Que é a Literatura?”* (2015c), obras de Sartre que estão ligadas mais diretamente ao objeto traçado.

As considerações apresentadas nesse texto, buscam também levantar discussões acerca dos fazeres artísticos, compreendendo-os como composição social, pois de acordo com a fenomenologia sartreana, uma sociedade se conhece por meio de suas produções artísticas. Neste sentido, é possível dizer que a arte e a

sociedade se nutem e se expressam de forma imbricada.

2 | FENOMENOLOGIA, ARTE E SUBJETIVIDADE

Como nos diz Sartre (1984), a criação é para um artista a maneira de conhecer e de explorar sua experiência vivida e com isso expor seu projeto artístico, de forma que possa ser reconhecido por si e pelo outro. A criação, ou mesmo a execução desse fazer da arte pode acontecer na dança de diferentes modos – improvisado, roteirizado, projetado, ensaiado exaustivamente - contudo, segundo Louppe (2012), o corpo dançante emprega toda a sua subjetividade enquanto dança.

Diante disso, reflito um pouco sobre a palavra arte, que logo de início me sugere uma infinidade de imagens, pois há na arte contemporânea uma série muito abrangente de formas de se apresentar (COCCHIARALE, 2006). No que se refere à dança contemporânea, Rocha (2016) a situa como uma dança que é composta, a cada vez, como uma nova dança, mas que divaga sempre em direção à sua origem, em direção ao que lhe deu sentido e a motivou a ser construída, pois nela se encenam todas as relações de contato entre obra, bailarino e espectador.

Há muitas definições acerca da arte contemporânea, e aqui exponho algumas perspectivas que podem ser condizentes com o pensamento sartreano. Há uma definição de arte que a relaciona ao sentido de produzir, fazer, utilizar como técnica para a obtenção de determinado fim. Uma produção artística busca um significado para sua execução, um objetivo a ser alcançado. Nesse contexto, são criadas práticas construtivas, técnicas, abrangendo desde uma intenção abstrata até uma intenção concreta, com o objetivo de transcender a realidade, de oferecer a possibilidade da contemplação e da experiência (BUSNARDO FILHO, 2007).

Há também a perspectiva da arte como *poiesis*, do grego, que significa criação ou produção, sendo ao mesmo tempo composição de um elemento, objetivo, obra, para a qual confluem materialidade e sentido (BUSNARDO FILHO, 2007). Por esse aspecto, a arte busca um significado como um ato da consciência intencional. Além disso, relaciona-se com o seu público, permitindo-lhe que a interprete, ou a perceba, sem apontar uma direção, dispondo todas as suas faces para que essa interação aconteça (SARTRE, 2015b).

Sartre (2015b) aborda o fazer e a interpretação de uma obra de arte como parte da vivência de cada pessoa que percebe, interage, contempla ou manipula o objeto ou obra artística. Assim, a arte, *poiesis*, é a interação entre o fenômeno apresentado e o captado pelo espectador que a vivencia, mesmo quando lhe traz inquietude, tensão, angústia e não apenas o prazer da contemplação do belo.

Na perspectiva de Alves (2006), não há na filosofia de Sartre uma teoria estética da arte, mas uma descrição, por meio da consciência imaginante, da forma

de intencionar o objeto estético, a fim de descrever ou expor a especificidade cabida a cada objeto estético, seja escrito, encenado ou dançado. De forma complementar, Danto (1978) discute que a obra de arte pensada por Sartre não pode ser uma criação de uma realidade alternativa, descontextualizada, mas uma criação comprometida com o contexto social e cultural em que surge.

Ao associar essas compreensões de Alves (2006) e Danto (1978), permite-me dizer que Sartre não determina o que pode ou não ser obra de arte, ele se dedica a pensar a obra em sua relação existencial com o criador, com seu público, sem tentar determiná-la. E ainda mais, dedica-se a posicionar a obra e o artista no mundo, considerando que a situação vivida pelo artista será como um eixo para suas composições.

Nesse aspecto, cada momento histórico será um ambiente diferente para as poéticas do fazer artístico. Segundo Souza (2010), na perspectiva sartreana, ética e arte são criações humanas realizadas na concretude da vivência de nossa liberdade e de nossa angústia, assim, exponho que as composições artísticas carregam o que somos em sociedade, fundamentadas pelas estruturas históricas, éticas e morais, as quais nos situam singular e universalmente.

Em contextos de mudanças históricas e sociais, a arte e a estética também se modificam em busca de convergências entre sentidos e conceitos, com o intuito de significar a sociedade em que se posicionam, fazendo-o de forma crítica ou apenas contemplativa, mas constantemente ressignificando-se ao seguir as mudanças sociais e culturais que as permeiam.

Do Classicismo, entre os séculos XV e XVIII, ao Modernismo, entre os séculos XIX e XX, houve um desenrolar de mobilizações e comprometimentos diversos acerca do fazer da obra de arte (BOTELHO, 2005). Na arte moderna, a estética do belo dá lugar a uma estética do cotidiano, em que o homem se apresenta em suas angústias e desejos (GARAUDY, 1980).

Na arte contemporânea, situada nos séculos XX e XXI, buscam-se formas de construção em que uma discussão social, cultural, estética e até mesmo política esteja engajada em sua proposta. A construção da arte deixa de ter um roteiro definido e passa a ter um movimento indefinido, assim como as performances de rua, que a cada realização podem fazer surgir novos objetivos, ou desfechos (COCCHIARALE, 2006).

Assim sendo, podemos dizer que há um ato de libertação na relação entre a obra de arte e o público, e não há condicionamentos que possam restringir ou fixar a ligação que se estabelece nesse momento. Nem mesmo há controle por parte do artista, que cria, projeta sua obra com um sentido idealizado, pois somente cada indivíduo em sua vivência própria, em sua liberdade, é que poderá dispor de sua subjetividade, de sua sensibilidade e vivência para associá-las à obra (SARTRE,

2015b).

Neste contexto, exponho que no Brasil atualmente vem sendo suscitada uma discussão acerca do que pode ou não ser considerado arte e do que a arte pode ou não tratar. Essa discussão tem caráter significativamente político e engajado, tanto no que pode ser considerado como censura quanto no que pode ser considerado liberdade de expressão. A partir de Sartre (2015b), destaco que não é possível calar um artista, pois esse estará sempre posicionando e situando sua sociedade, sua intersubjetividade e sua liberdade por meio de sua produção artística.

3 | ARTE, SITUAÇÃO E ULTRAPASSAMENTO

Ao falar de liberdade, de como ela não se diferencia do Ser, Sartre (2015a), considera o homem um ser livre, que escolhe, se projeta e cria, não para si apenas, mas também para o outro, o filósofo destaca que o homem pode exprimir-se e estender-se para além de si. Alvim e Castro (2015) consideram que, no conceito de situação, o filósofo reconfigura a relação entre liberdade e determinação, estabelecendo que não há “liberdade sem determinação nem determinação que não seja para uma liberdade” (p. 19), pois, pela realidade e ação humana, e pela facticidade que se impõe a essa realidade, surge a singularidade própria de toda situação.

A situação singular de cada ser-no-mundo está vinculada à realidade, contingência e facticidade dispostas na vivência de cada um, mas não se separa da liberdade de ação projetante que conduz ao ultrapassamento dessa mesma realidade, rumo a significações possíveis em um mundo a ser existido (ALVIM; CASTRO, 2015). E é por essa possibilidade de escolha, por um mundo que é criado a cada ação, que o Ser é dito como singular universal, pois nenhuma situação é simplesmente singular, ou completamente universal.

Segundo Alvim e Castro (2015), o conceito de situação está presente em toda a obra de Sartre, tanto em sua dramaturgia, chamada de Teatro de Situações, em suas biografias, como em sua Psicanálise Existencial. A situação é como um eixo que, integrado pelas estruturas “meus arredores, meu lugar, meu passado, minha morte e meu próximo”, compõe a base de análise do método progressivo-regressivo, que Sartre (2013) utiliza, por exemplo, em *O Idiota da família*, livro de Gustave Flaubert, de 1821 a 1857, em que examina a vida e a obra do autor.

O Teatro de Situações de Sartre é composto pela expressão de situações limite, ou por situações tão gerais, que serão vividas em algum momento por cada ser-no-mundo, e, assim, todos os espectadores poderão reconhecer-se ou sensibilizar-se no instante da cena. É nesse contexto que o Ser singular universal, situado por sua vivência no mundo, pode criar, atuar ou participar como espectador de uma cena teatral (ALVES, 2006).

No Teatro de Situações de Sartre, a arte se dá na cena, não no texto ou na atuação, mas na cena dividida entre ator e espectador. A relação subjetiva e livre entre artista e público está também descrita em Sartre (2015c), associada à contingência de suas existências, à situação a que se condicionam artista e público, pois se a liberdade se dá em certa situação histórica, as escolhas do artista e do público também estarão situadas, assim, “as liberdades do autor e do leitor se procuram e se afetam através de um mundo” (p. 58), de um mesmo mundo disperso entre subjetividades.

O existir livre não desconsidera a inclusão em certo contexto social no qual todos estamos inseridos, não nos abona da responsabilidade existencial sobre o que escolhemos como Ser singular universal e de como agimos em sociedade. Vivemos a subjetividade em cada ação, e essa subjetividade está permeada pela sociedade que se apresenta a nós; da mesma forma que somos essa mesma sociedade, nós também a influenciemos, a construímos. Nesse aspecto, cada um de nós, ao “viver o seu ser, vive o que se é, e o que se é em uma sociedade” (SARTRE, 2015b, p. 99). A arte nos mobiliza social e politicamente, é engajada no mundo de forma situada.

Como exemplo, Sartre (2012, p. 21) comenta que o escultor Giacometti transcreve sua própria vida em outra linguagem, que “suas aventuras, suas ideias, seus desejos e seus sonhos projetam-se por um momento nas figuras de gesso”, nas figuras e formas criadas numa “perpétua metamorfose”, dizendo de si nas esculturas. O artista estende, assim, sua liberdade e subjetividade à sua criação artística, de forma irremediavelmente engajada, sem se distanciar de seus fundamentos ideológicos e políticos.

Um outro momento em que Sartre (1968) trata seu pensamento sobre a arte está posto em *Situações I*, no qual se coloca como crítico literário, filósofo e escritor, ao mesmo tempo. Em seu primeiro volume, Sartre discute o conceito de Situação relacionado às composições literárias de autores como William Faulkner - escritor norte-americano, considerado um dos maiores romancistas do século XX, John Roderigo dos Passos - escritor modernista norte-americano e Albert Camus - escritor, filósofo, romancista francês nascido na Argélia, no intuito de apresentar sua visão sobre certa obra de certo autor em certa situação, fundamentando-se em temas de sua filosofia e da literatura contemporânea às obras.

Durante sua crítica sobre *1919*, de John dos Passos, que se centra na Primeira Guerra Mundial, Sartre considera o romance como um espelho e a arte como um reflexo. O romance seria um espelho, que é atravessado pelo leitor no momento em que adentra a atmosfera do mundo hipotético do texto, e posteriormente regressa à sua realidade imbuído de reflexos deixados em sua vivência pela leitura passada. Ou até, com mais ousadia, pensa o espelho como um vidro deformador, que, uma vez atravessado, deixa reflexos que modificarão a visão do mundo para o leitor de

forma intensa e irremediável (SARTRE, 1968).

A vivência da arte modifica a subjetividade, deforma, reforma, invade e constrói novas pontes de relação com o mundo e com o outro. Talvez por isso haja uma repercussão tão intensa hoje em nosso País acerca do que as vivências com a arte podem causar à sociedade, vivências que podem ampliar liberdades ou oprimi-las. Se a arte é espelho, nossa sociedade está refletida na produção artística do País, e Cocchiarale (2006) pode continuar questionando sobre quem tem medo da arte contemporânea.

Tratar a arte como espelho, ou como espaço translúcido a ser atravessado e como fonte de imagens, sons, ideias e significados a serem refletidos no mundo vivido é a melhor forma que encontrei até então para descrevê-la como a vejo. Ao ler um romance, ou assistir a um filme ou espetáculo cênico, imagino-me atravessando esse limite entre o real, o irreal e o imaginário, porém ao dançar, a vivência do corpo e do movimento dançado é que irão criar um irreal, um objeto estético a ser partilhado com o espectador, com o intuito de levá-lo a adentrar em outro mundo.

Ao escrever sobre o imaginário, Sartre (1996) já indicava suas perspectivas sobre a obra de arte e suas relações com o mundo. Pela imagem de um objeto, posso apenas apreendê-lo como objeto; pela percepção de um objeto, posso observá-lo em suas infinitas faces. Já pela consciência imaginante, que acontece no momento da reflexão, posso imaginar um objeto irreal, pois ela é uma espontaneidade que ao mesmo tempo produz o novo e conserva o objeto anterior como imagem.

Partindo da ideia de consciência e Nada de Sartre, a consciência imaginante também será aberta ao Nada, posto que é consciência, assim, aparece para si mesma como consciência criadora, embora esse não seja seu foco, contudo, diante da abertura ao Nada, ela poderá somente ser criadora. É nesse sentido que Sartre (1996, p. 29) diz que a consciência não flutua no mar, mas é “onda entre as ondas”. Desse modo, consciência intencional, nadificadora, imaginante, perceptiva e criadora não são partes de uma consciência, mas ondas homogêneas no mesmo mar.

Nas vivências com arte experimentamos o irreal, aquilo que está num mundo imaginário, pois o objeto real não é o mesmo que o objeto artístico e, embora estejam ligados pela intenção do artista, são na verdade objeto e obra. Por um aspecto, significações de um mundo real, onde a subjetividade é ação, ser-no-mundo e a obra é objeto; por outro, significações de um mundo imaginário, onde a subjetividade pode vagar pela liberdade, menos condicionada, não aprisionada, negando o objeto real e ultrapassando-o, transcendendo-o, criando um *analogon*, uma materialidade na qual a obra de arte será exposta para ser vista, imaginada, interpretada (SOUZA, 2010).

Ao ultrapassar o que vê, o imaginário não apaga a imagem real, mas a conserva. Segundo Souza (2010, p. 90), “O imaginário é o ato da consciência que nega e

mantém aquilo que nega, é aquele ato que ultrapassa o que é visto, mas ultrapassa porque o conserva, o conserva como *analogon*". A filósofa expõe que a negação realizada pela consciência imaginante, a abertura ao Nada, acontece sustentada pelo que é negado.

Essa conservação do real nos permite imaginar, criar, ter uma vivência artística, sem nos alienarmos. Se pensarmos a arte como um equilíbrio de tensões, mantidas e geradas por aspectos que, ao convergirem, também expõem suas contradições, como questões sociais, culturais ou emocionais, iremos entender que essas tensões serão motivadoras, ou serão apresentadas na criação de uma obra. As tensões ressaltadas na sociedade serão as mesmas tensões dispostas na vivência da criação artística e na obra de arte (SOUZA, 2010).

As vivências com criação e arte podem ser descritas como transcendência do mundo real para o mundo imaginário, que, embora conservem o objeto real, colocam-no como trampolim para um salto rumo às inúmeras possibilidades de constituição da obra. A criação ou a experiência interativa com arte são formas de extensão da subjetividade ao mundo e ao outro, do real ao imaginário e vice-versa.

Uma vez que exponho minha subjetividade em uma obra de arte, exponho a sociedade como a vejo, levo para o imaginário aquilo que vivo no real, transcendendo o objeto real para criar um analogon artístico, como situa Alves (2006). Uma obra fictícia, mesmo baseada na objetividade do real, transforma-se e a ultrapassa para dar amplitude interpretativa a um objeto irreal ou obra do imaginário.

A criação da obra de arte é projeção da subjetividade do artista, é liberdade de projetar-se na sociedade e revelar seu projeto de ser na obra. É poder transcender o real na situação singular universal vivida, é agir para criar novas formas de se apresentar ao mundo, ao outro, de ser-no-mundo. Essa ideia motiva a discussão aqui proposta, que questiona como a dança contemporânea surge na relação com a transcendência do real.

Nesse sentido, proponho que a transcendência e ultrapassamento do real ao irreal e ao imaginário seja pensada, na perspectiva da dança, como a exposição corporal de minha vivência e engajamento no mundo. E, a partir dessa proposição, associo a noção sartreana de ser-no-mundo irremediavelmente engajado à ideia de que a obra de arte lançada ao mundo é por si mesma engajada, fundamentada na dedução de que, se sou-no-mundo engajada por minha existência, minha obra artística será uma expressão desse meu engajamento de forma também irremediável.

A vivência da realidade humana é pensada por Sartre (2015a) como a vivência de ações imediatas, realizadas na facticidade e contingência em que o Ser se situa de forma engajada. Assim sendo, o engajamento que me é irremediável ao mundo, mediado por minha liberdade e responsabilidade, seria o mesmo engajamento discutido pelo filósofo a partir da perspectiva da criação artística?

Aqui há algumas nuances a serem abordadas com cuidado, pois nas duas primeiras linhas de *Que é a Literatura?* Sartre (2015c, p. 15) define que “Nós não queremos ‘engajar também’ a pintura, a escultura e a música, pelo menos não da mesma maneira”, expondo sua ideia de forma firme. Em seguida, o filósofo e escritor discute algumas variáveis entre as formas de comunicação encontradas nas diferentes artes como material, estilo e técnicas, no intuito de situar seu pensamento sobre o engajamento na literatura pelo uso das palavras como signos, revelando outras formas de pensar sobre música e pintura, por exemplo.

No caso citado sobre Tintoretto, pintor italiano, Sartre (2015c) expõe que o pintor cria para se expressar e não para colocar um significado definido em sua pintura, assim, ao pintar um rasgo amarelo no céu sobre o Gólgota, sua escolha não é usar o amarelo para significar angústia, sua escolha é ser angústia e céu amarelado ao mesmo tempo. Ao definir precisamente angústia como “a consciência de ser seu próprio devir à maneira de não sê-lo”, Sartre (2015a, p. 76) discute que a angústia é uma forma de desequilíbrio entre o que desejo para meus possíveis e como conduzo minhas ações para conquistá-lo.

A angústia de Tintoretto se transformou em um rasgo amarelo no céu porque há uma infinidade de relações que podem ser feitas entre as coisas, as cores e as técnicas, as quais se findam nas escolhas do artista. Essas escolhas são reflexos de sua vivência no mundo, são sua ação situada, portanto, sua expressão artística é composta pelos meios mediante os quais esse artista encontra voz. Nesse sentido, concordo com Boris e Barata (2017), ao situarem que a angústia é como um catalisador do projeto de ser, o que para o artista pode ser exposto pela criação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar sons, cores ou aromas como coisas a serem significadas e não como signos, assim como as palavras, Sartre (2015c) conclui que dessa forma o artista pode explorar em grau máximo essas coisas, a fim de conservá-las e ultrapassá-las em direção ao imaginário, e ainda escolher o seu uso em infinitas combinações. Em relação ao movimento e à dança contemporânea, proponho pensarmos que o corpo me propicia uma série infinita de coisas-movimento aberta a uma série infinita de usos e combinações, por meio da improvisação, dessa forma o movimento é conservado e ultrapassado como analogon artístico. Utilizo aqui a ideia de analogon artístico assim como exposta por Alves (2006) acerca do Teatro de Situações de Sartre.

Uma dança só pode ser expressa por ela mesma, assim como uma pintura, senão seriam necessárias infinitas palavras para expressá-las. Por isso, Sartre (2015c) afirma que o engajamento literário se dá por meio da ação investida nas

palavras, o que não se pode cobrar de outras artes que não as utilizam como signos, assim como a pintura e também a dança, nas quais o engajamento se produz pelo ser-artista-no-mundo.

No caso da escrita para o teatro de Sartre, há outra relação com as palavras, que constituem matéria da escrita, posteriormente desenvolvida para a cena pela técnica e vocação do ator. Aqui a situação e o engajamento caminham juntos para a composição da obra e da cena. Com isso, sustento, junto com Souza (2016), que a arte pensada por Sartre surge entrelaçada ao imaginário e ao engajamento a partir da consciência imaginante, a qual é liberdade situada.

A arte engajada que Sartre (2015c) discute propõe que o artista expresse suas ideias em sua obra, que sua subjetividade seja viva na obra. Com isso considero que a subjetividade e a intersubjetividade circundam e penetram a obra de arte, fazendo-a, criando-a.

Liberdades oprimidas pela situação de controle e consumo na contemporaneidade, são liberdades que podem ser ampliadas por meio das vivências com arte, traspassadas para outras realidades, reformuladas por outros corpos. É para viver esse ultrapassamento que o pintor pinta e o dançarino dança, para estender suas expressões, seus corpos, suas liberdades.

Ao lidar com sua liberdade e engajamento no mundo, o artista busca formas de se reinventar, de expor sua angústia, seus sentimentos mais ocultos em forma de arte. O leitor ou espectador reagem à obra de arte por sua liberdade, que, mesmo massacrada pela urgência, pela pressão do capitalismo, abre-se para experienciar a arte.

Na perspectiva da criação artística, seria possível dizer que a angústia move o artista a buscar concretizar seu próprio devir pelo imaginário, de maneira a apresentá-lo sem exatamente sê-lo. Assim, sua arte é também a exposição de sua liberdade situada; pelo imaginário e engajamento o artista projeta-se em sua obra e encontra um momento de plenitude, de vivência da angústia, e não de combate à angústia.

É nesse prisma que considero que as experiências com a arte aproximam o Ser de si mesmo, como Ser engajado que intenciona e imagina. Isso lhe possibilita transcender o real para encontrar um outro lugar de pensamentos ou de significações, para interpretar uma obra vendo-se nela espelhada, como Ser ou como projeto, mas reconhecendo-se e compreendendo-se. Assim, acrescento ainda que há uma potência terapêutica na arte, que se expõe por ela mesma, no momento em que encontro nesse fazer um lugar de transcendências, significações e ressignificações.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. S. **O Teatro de Situações de Jean-Paul Sartre**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) -

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.tese.s.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-09012008-100852/publico/TESE_IGOR_SILVA_ALVES.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

ALVIM, Mônica Botelho; CASTRO, Fernando Gastal de. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J.-P. Sartre e M. Merleau-Ponty. In: ALVIM, Mônica Botelho; CASTRO, Fernando Gastal de (org.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 15-47.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; BARATA, A. Angústia e Ansiedade: um esboço histórico-conceitual e uma perspectiva sartreana. In: CASTRO, Fabio Caprio Leite de; NORBERTO, Marcelo S. (org.). **Sartre hoje**. Porto Alegre, RS: Fi, 2017. v. 2. p. 151-172.

BOTELHO, Isabel Maria de Araujo. O lugar da dança nos currículos da educação formal em Fortaleza. In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho (org.). **Currículos contemporâneos: formação, diversidade e identidades em transição**. Fortaleza: Editora da UFC, 2005. v.1. p. 534-546.

BUSNARDO FILHO, Antonio. Arte e representação simbólica. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 22-31, 2007. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/112/234>. Acesso em: 02 set. 2019.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem Tem Medo da Arte Contemporânea**. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

DANTO, Arthur C. **As idéias de Sartre**. São Paulo, SP: Cultrix, 1978.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Tradução Glória Mariani e Antônio Guimarães Filho. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.

LOUPPE, Laurence. **Poética da dança contemporânea**. Trad. Rute Costa. Lisboa, POR: Orfeu Negro, 2012.

MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ROCHA, Thereza Cristina. **O que é Dança Contemporânea?: uma aprendizagem e um livro de prazeres** [Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna]. São Paulo, SP: Gráfica Santa Bárbara, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Tradução Rui Mário Gonçalves. São Paulo: Cosac Naify, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. 6. ed. Tradução Jacó Guinsburg. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. São Paulo, SP: Ática, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. (2012). **Alberto Giacometti: textos de Jean-Paul Sartre**. Organização e Tradução Célia Euvaldo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O idiota da família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857**. Tradução Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. v. 1.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2015b.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** 3. ed. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo, SP: Vozes. 2015c.

SOUZA, Thana Mara de. **Ética e** estética no pensamento de Sartre. **Revista Estudos Filosóficos**, São João Del-Rei, v. 4, p. 84-96, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art5-rev4.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

SOUZA, Thana Mara de. Arte na filosofia de Sartre: tensão entre imaginação e engajamento. **Revista Kínesis**, São Paulo, v. 8, n. 18, p. 272-296, dez. 2016. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/19_thanamarasouza.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

SOBRE A ORGANOZADORA

Marilande Carvalho de Andrade Silva - Mestre em Ergonomia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2018). Especialista em Clínica Cirúrgica, Sala de Recuperação Pós-Anestésica e Central de Materiais e Esterilização pelo Instituto de Ensino Superior Santa Cecília (2010). Especialista em Unidade de Terapia Intensiva pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e extensão (2007). Especialista em Programa de Saúde da Família pelo Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (2006) e Graduada em Enfermagem pela Fundação de Ensino Superior de Olinda - FUNESO (2004). Atualmente trabalha no Hospital das Clínicas da UFPE, na Central de Materiais e Esterilização. Concursada pela UFPE desde 1992. Atuou como Enfermeira na Urgência/Emergência do HSE pela COOPSERSA (2005-2007). Atuou como Coordenadora de Enfermagem do Centro Cirúrgico e CME no Hospital Prontolinda (2007-2010). Atuou como Enfermeira de Central de Materiais e Esterilização do HSE (2012).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 213, 216, 229
Acidentes por quedas 121
Acolhimento 9, 10, 11, 12, 14, 75, 78, 193, 233, 236
Amamentação 168, 169, 170, 171, 172
Anabolizantes 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180
Anatomia 155, 156, 158, 219, 220, 221, 222, 223
Antibacteriano 16, 21
Antifúngico 16, 17, 21
Aprendizagem baseada em problemas (ABP) 50, 54
Assistência à saúde comunitária 106
Assistência hospitalar 11, 73, 217, 235
Atenção secundária 168, 170, 172
Atividade física 6, 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 60, 122, 177, 178, 179
Atividades cotidianas 73
Autonomia 3, 24, 28, 32, 36, 42, 122, 130, 137, 139, 140, 141, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 172, 210, 220, 225, 226, 230, 232

B

Beneficência 140, 141, 150, 152, 156, 220
Bioética 138, 140, 153, 154, 156, 220

C

Coma 139, 140, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 153, 154
Cuidados de enfermagem 57, 165
Cuidados em saúde 9, 11, 51
Cuidados paliativos 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86
Curva de aprendizado 88, 89

D

Diabetes mellitus 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62
Doença de Parkinson 198, 199, 201, 202, 204, 206

E

Ensino superior 83, 93, 95, 101, 102, 103, 104, 105, 113, 114, 115, 120, 159, 182, 228, 253
Esquizofrenia 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105
Estética 174, 178, 179, 240, 242, 243, 244, 252

F

Fenomenologia 240, 241, 242, 243, 251

G

Grupo focal 189, 192, 194, 195

H

Humanização 9, 10, 11, 13, 14, 15, 81, 86, 95, 208, 209, 216, 217, 235, 237

I

Idoso 74, 110, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 202

Instituição de longa permanência 121, 123

Interdisciplinaridade 1, 5, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 155, 251

J

Juramento hipocrático 140, 152

L

Laparoscopia 88

Leishmaniose visceral 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Liderança 106, 107, 108, 111, 112

M

Monitoria 50, 51, 52, 55, 114, 115, 120, 155, 156, 157, 159, 220, 222, 223

Multiprofissionalismo 113, 114, 116, 118

N

Nutrição enteral 161, 164, 166

P

Parâmetros curriculares nacionais 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8

Participação comunitária 106

Pessoa com deficiência 23, 25, 27

Planejamento estratégico 160, 161, 162, 164, 165, 166

Plantas medicinais 17, 18, 19, 22

Programas de rastreamento 57

Psicanálise 245

R

Realidade virtual 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

Relações interprofissionais 42

Residência multiprofissional 11, 81, 83, 86

S

Saúde coletiva 41, 49, 62, 106, 118, 120, 154, 217

Saúde mental 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 93, 95, 102, 104, 105

Serviço hospitalar de nutrição 161

Serviço público de saúde 81

Subjetividade 31, 143, 196, 240, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 250, 251

T

Tecnologia 10, 11, 14, 48, 56, 59, 72, 76, 91, 93, 152, 160, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 209, 237

Temas transversais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Terapia ocupacional 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 113, 118

U

Unidades de Terapia Intensiva 9, 10, 11, 12, 13, 14, 75, 85, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 163

